

A TRADUÇÃO A PARTIR DE SAUSSURE: O QUE HÁ DE UNIVERSAL NAS DIFERENÇAS?¹

Jonas Augusto Fagundes²

Traduzir é pensar sobre a linguagem. Essa é a tese, evidente logo na abertura, que serve de ponto de partida para a discussão no livro de Valdir do Nascimento Flores, *Saussure e a tradução*. Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professor titular em Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFRGS, Flores tem um percurso acadêmico dedicado à Linguística e motivado por seu interesse nas questões de língua e linguagem. Essas questões, centrais em *Saussure e a tradução*, se desdobram na obra para nos mostrar uma face menos conhecida do mestre Ferdinand de Saussure, revelando, também, aspectos universais do fenômeno da linguagem a partir da relação particular do homem com a língua.

No primeiro capítulo, “Homo loquens – pensar a tradução, o traduzir e o fazer tradutório”, a tradução aparece como uma posição privilegiada para se observar o fenômeno da linguagem, uma vez que ela é “um lugar a *partir do qual* se pode olhar a linguagem, ao mesmo tempo em que é um lugar *no qual* se pode olhar a linguagem” (Flores, 2021, p. 23). Partindo desse pressuposto, o ato de traduzir contém teoria e prática simultaneamente, criando um observatório de onde é possível alcançar a linguagem, uma vez que o esforço humano em busca do sentido está sempre em jogo quando uma língua é posta em oposição à outra. Para delimitar o escopo de sua reflexão, o autor não se detém sobre os procedimentos técnicos ou operacionais que envolvem a profissão do tradutor, ressaltando que, para seus propósitos, pensar a tradução é uma empreitada que implica uma teoria da linguagem, e que, vista dessa maneira, a tradução é “um amplo fenômeno que mostra *a língua no homem*” (Flores, 2021, p. 24).

Pensar a partir desse axioma instaura o que o autor chama de uma antropologia da enunciação, pois através da tradução seria possível depreender algum conhecimento a respeito do *Homo loquens*, essa criatura que existe na língua e, portanto, fala. Nesse sentido, a tradução coloca em cena um saber sobre a natureza *loquens* do Homem, e constitui, assim, um “objeto antropológico na justa medida em que dá a conhecer os efeitos da presença da *língua no homem*” (Flores, 2021, p. 25). A antropologia proposta por Flores procura estudar esse saber sobre o Homem que surge do fato de ele ter língua, e a tradução é o caminho escolhido para fazer essa antropologia em *Saussure e a tradução*, pois é nela e com ela que será possível enxergar o Homem dizendo algo de sua natureza de falante.

¹ Resenha da obra FLORES, Valdir do Nascimento. *Saussure e a tradução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.

² Mestrando em Letras – Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A forma da expressão desse tipo de saber, segundo o autor, são os comentários e contornos de sentido de tradutores a respeito de suas traduções, uma vez que neles podemos ver materializados os desafios da incompreensão constitutiva das interações humanas, presentes sempre que um falante precisa opor duas línguas para descobrir aquilo que uma pode ou não dizer da outra. Para medir esse limite é preciso um tradutor, mas para enxergar esse limite, precisamos do procedimento da tradução articulado por esse tradutor. Não se trata aqui da tradução como produto, mas sim do processo consciente, transformado em língua, do traduzir. Por conta disso, Flores descreve o falante como uma espécie de etnógrafo de si mesmo, que precisa não só entender em que medida uma língua poderá traduzir algo da outra, mas também deve saber falar desse limite na forma de um comentário de seu processo de interpretação. É a partir desses comentários, ou contornos de sentido, que podemos ver a presença da língua no Homem, uma vez que, no contexto da tradução, o tradutor inevitavelmente dirá algo de sua própria relação particular com a língua, com as línguas e, por consequência, com a linguagem. A partir dessa reflexão, Flores (2021, p. 27) levanta a questão: “que saber sobre o Homem advém da constitutiva necessidade de traduzir?” Antes de responder, o autor afirma que seria

necessário situar a tradução como um fenômeno que diz algo da natureza humana, uma vez que, de um lado, ela condensa a relação do homem com a sua língua e com a língua do outro; de outro lado, ela reserva um lugar de destaque – que concentra algo de possível e algo de impossível – para o que se poderia chamar de uma incompreensão natural, própria da interação humana (Flores, 2021, p. 27).

Assim, a tradução se configura, segundo o autor, como um fenômeno no qual essa incompreensão natural se torna não apenas visível, mas central, exigindo que o tradutor fale sobre o que percebe de diferente entre as línguas com as quais trabalha. Esse procedimento obriga o falante “a refletir sobre o fato de que há língua nele” (Flores, 2021, p. 27). A tradução coloca em oposição não apenas línguas diferentes, mas discursos particulares em línguas diferentes, o que acaba por tornar necessário que todo o procedimento tradutório seja, também, uma análise linguística. É justamente essa análise que servirá para responder que tipo de saber sobre o Homem advém de sua necessidade constitutiva de traduzir e, partindo dessa necessidade, fica manifesta a condição do Homem como *Homo loquens*, uma vez que o ato de traduzir “possibilita uma vivência da língua” (Flores, 2021, p. 28). Enfim, depois de estabelecer a tradução como um fenômeno que implica uma análise linguística para a qual é necessário um Homem consciente do fato de que há língua em si, o autor chega a Saussure. No segundo capítulo, intitulado “Por que Saussure?”, Flores se dedica a justificar essa aproximação entre o linguista e o campo da tradução.

O primeiro argumento nessa direção retoma a noção de que é o ponto de vista que cria o objeto, explícita no *Curso de Linguística Geral*. Como Flores elabora no capítulo anterior, o fenômeno tradutório implica sempre em um falante contrapondo duas línguas e depreendendo, de sua

perspectiva de ambas, um certo saber. Esse caminho leva a um saber sobre o sentido, questão que Flores também enxerga como central em Saussure: “considero que a teoria linguística – muito especialmente a teoria do valor linguístico – elaborada por Ferdinand de Saussure no início do século XX é uma teoria do sentido” (Flores, 2021, p. 31). Sendo assim, sustenta-se também que a reflexão saussuriana permite pensar língua e linguagem de forma ampla ao dar lugar central para o sentido, oferecendo um eixo teórico pelo qual o tradutor pode refletir sobre a natureza semântica das línguas, vendo, através dessa teoria, a organização do sentido nas diversas línguas.

Apesar disso, o campo da tradução não se vale com muita frequência dos pensamentos de Saussure para refletir sobre o seu fazer, postura essa que, segundo Flores, “contrasta com uma leitura atenta da obra saussuriana” (Flores, 2021, p. 36). Esse contraste estaria visível no lugar que a tradução tem na reflexão de Saussure, que advém da observação da diversidade entre as línguas, observação essa que está inscrita no próprio ato de traduzir. A partir dessa aproximação, é possível enxergar o lugar da tradução na reflexão saussuriana como um ponto de observação de onde o falante pode articular sua relação particular com sistemas de línguas diferentes, ou seja, a língua em uso, único instante em que esses sistemas podem ser compreendidos e efetivamente comparados. Esse raciocínio parte de um Ferdinand de Saussure que, “ao estudar determinados mecanismos linguísticos [...], lidou com o mecanismo vivo da língua, com as potencialidades da língua a serviço da criação” (Flores, 2021, p. 39), Saussure esse que também era tradutor e, portanto, produziu um certo saber sobre o fazer tradutório.

Para ilustrar esse Saussure tradutor, Flores traz as diferenças entre línguas descritas pelo próprio mestre acerca da terminologia empregada para tratar do “Objeto da Linguística”. No exemplo, enxergamos Saussure diante de questões de metalinguagem, lidando com a inexatidão de termos como língua e fala que cada idioma expressa de maneiras particulares, e chegando a uma solução de tradução através de uma reflexão sobre as diferenças entre as línguas: o que deve ser definido são as coisas das quais se fala, não os termos em si, tarefa essa que todas as línguas estariam aptas a fazer, cada uma a seu modo.

Assim, Flores retoma sua concepção de tradução como um fenômeno que mostra, na prática, a concepção de língua do tradutor, fato do qual Saussure não escapa, uma vez que “sua prática revela um modo de pensar sobre a língua/linguagem que, acredito, está estreitamente ligado à compreensão de que é no discurso, entendido como atividade incessante do falante, que se traduz” (Flores, 2021, p. 44). Disso decorre que a tradução é uma atividade que coloca em jogo justamente o ponto de vista particular daquele que traduz, justificando, assim, a aproximação com Saussure.

Segue-se, então, o terceiro capítulo, “Saussure e o campo da tradução”, em que Flores nos oferece um panorama da presença – ou não – do linguista genebrino no campo da tradução. Sobre a ausência de Saussure dentro dos estudos da tradução, Flores argumenta que ela se dá de duas

maneiras: há aqueles que o ignoram completamente, enquanto há outros que o nomeiam, mas ainda assim não o admitem em seu trabalho. Há ainda quem se recuse diretamente a admitir Saussure em seus estudos, e Flores se detém de modo mais minucioso sobre esses, explorando os motivos pelos quais Saussure é barrado no fazer de tais tradutores. Finalmente, somos apresentados àqueles que admitem Saussure em seu trabalho de duas maneiras diferentes: há os que o admitem parcialmente e sem fazer uso da teoria explicitamente para tratar da tradução, e há estudiosos “que efetivamente operam com Saussure no âmbito do estudo da tradução” (Flores, 2021, p. 55).

Dentre os estudiosos apresentados, o autor se detém com mais atenção sobre Henri Meschonnic, um dos poucos a se valer de Saussure para pensar a tradução. Na reflexão de Meschonnic, Saussure está mobilizado como uma “teoria de conjunto da linguagem, da história, do sujeito, e da sociedade, e recusa as regionalizações tradicionais, mas também no sentido em que ela se funda como teoria da historicidade radical da linguagem” (Meschonnic, 2010, p. 5). Essa interpretação da obra saussuriana figura como apenas um dos exemplos apresentados por Flores que justificam a aproximação de Saussure com o campo da tradução. É partindo dela, no entanto, que conseguimos enxergar onde o autor quer chegar com *Saussure e a tradução*: a reflexão saussuriana desvela uma teoria de conjunto, que não trata apenas das diferenças constitutivas do sistema da língua, mas também das diferenças entre esses sistemas, ou seja, a diferença entre as línguas. E é esse o assunto do quarto capítulo.

No capítulo “A diversidade das línguas”, Flores levanta a questão da relevância desse assunto na reflexão sobre tradução a partir da teoria de Saussure. Primeiro, o autor guia o olhar do leitor pelo Saussure dos cursos, enfatizando o interesse do mestre poliglota na diversidade das línguas, mostrando que é a partir da observação dessa diversidade que o linguista chega a “uma generalidade linguística baseada na diversidade das línguas” (Flores, 2021, p. 95). Tal ponto de partida encontra controvérsias no *Curso de Linguística Geral*, uma vez que os organizadores da obra alteram a ordem dos cursos: “o leitor do CLG tem a impressão que Saussure parte de uma discussão ‘abstrata’ para, apenas no final, chegar a aspectos ‘concretos’, as diferenças entre as línguas, quando, na verdade, é o contrário que Saussure quer enfatizar” (Flores, 2021, p. 96). É partindo dessas evidências que Flores defende que uma linguística que tem sua gênese na observação das diferenças para, então, chegar a conceitos generalizantes, por excelência não deve negligenciar o que há de particular nas línguas.

Com isso, o autor passa a aproximar, efetivamente, a reflexão saussuriana com o campo da tradução, argumentando que a tradução seria uma operação linguística que coloca simultaneamente em evidência o geral – a língua – e o particular – as línguas. Esse movimento que caminha do particular para o geral, que podemos perceber na tradução quando duas línguas particulares são contrastadas para que se determine o que é possível traduzir, ou seja, o que há de geral entre as línguas, coincide com o percurso saussuriano.

Chegamos, então, ao capítulo cinco, “A tradução à luz de uma teoria de conjunto”, no qual Flores procura nos mostrar como seria enxergar o fenômeno tradutório a partir da teoria saussuriana. No entanto, para fazer essa aproximação é preciso, antes, definir o que significa conceber a teoria de Saussure como uma teoria de conjunto da língua. Sobre isso ele nos diz:

Entendo por teoria de conjunto um método que tem o valor geral de olhar a língua de um ponto de vista que a tome, simultaneamente, em sua dimensão linguística *stricto sensu* – não dissociando gramática e sentido –, em sua dimensão *loquens* – não ignorando o homem falante, o *Homo loquens* – e, finalmente, em sua dimensão antropológica – não desconhecendo que *a língua está no homem* (Flores, 2021, p. 106).

Dessa teoria de conjunto advém, segundo Flores, um saber que é evidenciado pela tradução. Para melhor ilustrar esse argumento, o autor elabora quatro princípios a partir de Saussure para, então, relacioná-los com o fenômeno tradutório, quais sejam: a língua não é uma nomenclatura; a língua é um sistema; a língua é um sistema de valores; e a língua só é criada em vista do discurso. Em seguida, Flores faz cinco proposições a respeito da tradução intrinsecamente relacionadas aos princípios saussurianos previamente apresentados:

“Não há realidade a ser traduzida que não seja uma realidade linguística” (Flores, 2021, p. 120), que decorre da negação da língua como nomenclatura e admite que os sistemas independem das realidades que por acaso possam designar.

“Não há convencionalidade a ser traduzida que não seja um valor arbitrário” (Flores, 2021, p. 121), consequência da proposição anterior, o valor de um signo é dado pelo sistema que o contém, excluindo qualquer causalidade que seja exterior à língua. Segundo Flores, o que existe de arbitrário no sistema de uma língua é o que torna possível a tradução.

“Não há valor a ser traduzido que não seja específico (não universal)” (Flores, 2021, p. 122), ao conceber a língua como sistema de valores, estabelece-se que esses valores são sempre específicos para cada uma das línguas ao mesmo tempo que também são particulares nos usos que os falantes fazem dela. Dessa proposição entendemos que traduzir implica sempre partir de uma experiência particular de falante em uma língua específica para traduzir uma experiência particular de outro falante em uma outra língua específica. As línguas não possuem a mesma rede de relações.

“Não há equivalência de tradução que não seja a estabelecida pelo falante (tradutor)” (Flores, 2021, p. 123), essa proposição desmente a ideia comum de equivalência na tradução partindo do fato de que não há coincidência entre sistemas de línguas diferentes. Flores nos lembra, também, que qualquer impressão de equivalência parte de uma relação particular de um tradutor com as línguas com as quais trabalha. Assim, o que há entre duas línguas não é a equivalência, mas o sentido que cada tradutor enxerga.

“Não há unidades de tradução que não seja a do conjunto de valores” (Flores, 2021, p. 123), a última proposição decorre, especialmente, da noção de que não existe uma língua *a priori* a ser traduzida que não essa que encontra sua realidade no discurso. As unidades a serem traduzidas, então, são constituídas pelo todo da língua, e não podem ser separadas do conjunto que as constitui.

Com isso, Flores nos mostra que a tradução tem muito a ganhar pelo viés de uma teoria de conjunto, pois é sempre um recorte particular de um mundo específico, construído por uma língua específica, que deverá ser traduzido.

Chegamos, então, ao capítulo seis, “A tradução de Ferdinand de Saussure: o Agamêmnon”, no qual Flores elucida as circunstâncias da tradução da obra de Ésquilo por Saussure através da apresentação feita juntamente com a publicação dos manuscritos em 2008, pelas autoras Natalia Restrepo Montoya e Claudia Mejía Quijano. Flores traz a reflexão das autoras a respeito da tradução de Saussure pela lente da tradutologia para contrastar com a sua própria, ou seja, um traduzir que é sinônimo de pensar sobre a língua. Nesse sentido, o processo de tradução de Saussure pode ser relacionado com o seu trabalho como linguista. É importante notar que, diferente da proposta de Montoya e Quijano, Flores está mais interessado em mostrar a tradução como um fenômeno que é transversal a uma reflexão sobre a língua, ou seja, pensar tradução implica um pensar sobre a língua.

Dito isso, a relação de Saussure com a tradução, em particular a tradução do *Agamêmnon*, de Ésquilo, serve como ponto de encontro com Wilhelm von Humboldt, linguista que também se dedicou à tradução dessa mesma obra. Essa empreitada levou ambos a uma reflexão sobre a língua, algo que os dois pensadores deixaram registrado na forma de comentários feitos acerca do processo de tradução. Flores retoma, então, a ideia do comentário como um lugar privilegiado para se encontrar a *língua no homem*, uma vez que o tradutor articula algo de sua própria experiência sobre a língua sempre que fala de seu processo tradutório. Considerando que tanto Saussure quanto Humboldt comentaram a respeito de traduções que fizeram da mesma obra, isso leva Flores a uma comparação com o intuito de encontrar nas semelhanças presentes nesses indícios de *língua no homem* algo que os aproxime. É disso que se ocupa o sétimo capítulo: “O Humboldt de Saussure”.

No capítulo final de *Saussure e a tradução*, Flores propõe que há algo de Humboldt a ser encontrado em Saussure, aproximação essa que também é feita por outros autores. Em especial, Flores resalta o argumento de Henri Meschonnic a respeito dessa relação, no qual ele afirma que há uma continuidade entre o pensamento dos dois linguistas e que, embora não encontremos Humboldt citado nos trabalhos de Saussure, “há neles um pensar sobre a linguagem que é de mesma ordem” (Flores, 2021, p. 136). Tendo isso posto, a busca pela relação entre Humboldt e Saussure é feita não para investigar a genealogia que possa existir entre as reflexões da dupla, mas para colocá-los lado a lado a respeito de uma situação muito semelhante: a tradução do *Agamêmnon*.

A partir daí, Flores nos guia pelo que cada um dos tradutores têm a dizer sobre o seu fazer de tradutor, aproximando-os não só pelo prisma da tradução do mesmo texto, mas pelas reflexões de natureza muito semelhante que fazem a respeito dessa tradução. Através de uma análise atenta dos comentários dos mestres, vemos como cada um deles lidou com questões particulares, advindas da mesma realidade de discurso, e articulou um comentário proveniente da sua posição única de falante. Por mais que a tradução de Saussure tenha como propósito o ensino da língua e da obra grega, e a de Humboldt tenha sido encomendada e efetivamente publicada, ambos formularam pensamentos semelhantes a respeito de sua relação com a língua. Flores chama a atenção para essas semelhanças ao analisar os comentários dos tradutores, mostrando que os dois admitiam que não há equivalência absoluta entre línguas, que há certa infidelidade do tradutor decorrente da leitura particular que faz, que o que se traduz é o discurso e não a língua, entre tantas outras similaridades que parecem apontar algo de universal que pode ser vislumbrado através de um pensar sobre a língua por intermédio da tradução. Vemos que essas conclusões têm algo a dizer sobre o processo do traduzir muito mais do que sobre a tradução como produto, especialmente considerando que o processo é o que aproxima os dois linguistas, ao passo que o produto, que tinha finalidades diferentes, os afasta. Conhecemos, assim, o que há de Humboldt em Saussure e, por fim, o que há de Saussure na reflexão sobre a tradução.

Em *Saussure e a tradução* é possível enxergar as amplas dimensões que o fenômeno tradutório tem como um ponto de partida para se pensar as línguas, a língua e a linguagem, mas não só isso, é também onde conhecemos de perto uma outra faceta do mestre: o Saussure tradutor. Vemos delineado aqui, a partir da análise minuciosa de seus comentários, um Saussure dedicado à tradução, um Saussure do discurso, que pensa a língua a partir das línguas para chegar na linguagem.

Assim, a obra certamente será do interesse de quem pensa Saussure e o fenômeno tradutório, mas, sobretudo, interessa àqueles que procuram uma reflexão detida e interessante sobre o fenômeno da linguagem articulada a partir da diferença entre as línguas. Há muito ainda a ser dito sobre essa reflexão que, a partir da tradução, dá enfoque para uma questão sempre relevante e que se estende a todos os usos da língua: a questão do sentido. O que seria possível dizer dos comentários que um editor faz de uma obra a ser publicada? Dos extensos comentários trocados entre um bom revisor e seus clientes? Das avaliações de um professor sobre a escrita de seus alunos? Ou, ainda, o que seria possível dizer da experiência de um aluno que, para aprender a escrever, precisa colocar em contraste sua experiência de língua com a do professor que o avalia? É justamente o fato de que podemos ser etnógrafos de nossa própria experiência com a língua que permite que essas perguntas possam ser ensaiadas, mas é a reflexão de Flores que nos instiga a querer respondê-las.

Há, circunscrito em *Saussure e a tradução*, uma reflexão que não se exime do fato de que há um sujeito que fala, e, indo além disso, que há um sujeito capaz de falar de sua experiência individual

com a língua. Vemos, através do quadro ilustrado pela reflexão de Flores, um Humboldt e um Saussure ocupados com sua condição de *Homo loquens*, produzindo um saber individual, único e, ainda assim, cheio de semelhanças que acaba por revelar algo de universal na experiência humana da linguagem.